

# Perigosa mutação

Categories : [Reportagens](#)

O famoso ditado “as aparências enganam” pode se encaixar perfeitamente quando se trata do estado de conservação de um ecossistema. Mesmo que a olhos nus trechos de florestas pareçam preservados, a degradação nas redondezas pode levar à perda da riqueza genética das espécies e, no longo prazo, à extinção. Essa preocupação está mobilizando diversos pesquisadores do Cerrado. Eles estão em busca de respostas sobre qual a real extensão do impacto na biodiversidade da forte degradação imposta ao bioma nas últimas três décadas. Para tanto, um dos principais indicadores tem sido a atuação de polinizadores e animais dispersores de sementes.

Foto: Rosane Collevatti



O pequi (*Caryocar Brasiliense*), árvore símbolo do Cerrado, é o principal objeto de estudo de um grupo de ecólogos da Universidade de Brasília (UnB) e do Universidade Católica de Brasília (UCB). Eles estão observando que em áreas isoladas de vegetação a população de pequis está reduzindo sua variabilidade genética. Isso significa que distantes de outros trechos de mata preservada, a espécie está fazendo cruzamentos entre poucos indivíduos. E Darwin explica: isso influí o processo evolutivo e pode diminuir a capacidade de adaptação. “Com baixa adaptabilidade, qualquer praga ou mudança no ambiente, no longo prazo, pode levar a espécie à extinção”, explica a pesquisadora Rosane Collevatti, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Genômicas e Biotecnologia da UCB.

Foto: Rosane Collevatti



Umas das hipóteses que os pesquisadores estão tentando provar é de que os principais polinizadores do pequi, os morcegos, que se alimentam do néctar das flores, não estão levando o pólen para áreas remotas. Mesmo com capacidade de voar longas distâncias, explica Rosane, os mamíferos alados prefeririam forragear apenas em trechos de vegetação preservada. Para comprovar esta suspeita, [os pesquisadores estão trabalhando na Estação Ecológica Águas Emendadas](#), no Distrito Federal. Lá eles instalaram câmeras fotográficas (*trap*) que são disparadas no momento que os animais chegam às árvores para se alimentar. Além disso, famílias de pequis são geneticamente analisadas e depois comparadas com árvores de áreas distantes para se ter noção do caminho que o pólen percorreu.

Foto: Rosane Collevatti



O pé de pequi não serve de alimento apenas aos morcegos. Ele é considerado uma espécie chave para vários mamíferos do Cerrado, como o lobo-guará, o cateto e a anta, entre outros. Por isso, os animais de grande porte também estão ameaçados. Entre as causas estudadas para a crescente pobreza genética e a redução da população está a dificuldade de trânsito desses animais entre os fragmentos de vegetação nativa. Além das câmeras *trap* para registrar a movimentação dos animais na dispersão das sementes, os pesquisadores compararam a dentição de mamíferos nos frutos encontrados na mata. Assim é possível saber quais realmente estão carregando sementes para outras paragens.

## Fruto e extrativismo

Mas não são só lobos e antas que dependem do pequi. O fruto também faz parte da alimentação dos brasileiros que habitam o Brasil central. É a base da economia de diversas comunidades no Cerrado. Por isso, há estudiosos que olham com preocupação a redução da população de pequi e até mesmo de seu potencial de frutificação. A pesquisadora da Embrapa Cerrados Ludmilla Aguiar tem trabalhado no norte de Minas Gerais em áreas onde a produção com a polpa do pequi tem registrado quedas significativas. Além das árvores existentes estarem com poucos frutos, o nascimento de novos indivíduos é considerado baixo.

“Até agora a preocupação com o pequi era da frutificação em diante. O que as pesquisas estão tentando agora é ver o que está acontecendo antes disso”, afirma Ludmilla. Sua hipótese é de que além das dificuldades que os mamíferos estão encontrando para dispersar as sementes por

conta da degradação das áreas nativas de Cerrado, o próprio processo de extrativismo poderia ter influência negativa. A lógica é simples, a demanda das comunidades e empresas pelo fruto não deixam exemplares de qualidade para serem comidos pelos animais. Sem alimento, somem os bichos, acabam as viagens das sementes e diminui o nascimento de novas árvores.

Para Rosane, cuja pesquisa ocorre dentro de uma unidade de conservação, o problema do pequi fora de áreas protegidas é exatamente o extrativismo. Segundo ela, não existem estudos que demonstrem qual a capacidade suporte da espécie. Ou seja, não se sabe qual a quantidade de frutos e sementes que podem ser retirados da planta sem prejudicar sua capacidade de se reproduzir. O problema também estaria afetando a faveira, outra espécies típica do Cerrado e cuja vagem é utilizada na fabricação de medicamentos. “Não conheço um dado ou mesmo um plano de manejo para áreas de extrativismo que considere estas preocupações”, critica a pesquisadora da UCB.